

# Cristo Rei, homilia de São Josemaria

Disponibilizamos, em áudio e texto, a homilia Cristo Rei que São Josemaria Escrivá pronunciou no dia 22 de novembro de 1970, festa de Cristo Rei, e posteriormente publicada em “É Cristo que passa”.

14/11/2022

Disponibilizamos, em áudio, a homilia *Cristo Rei* que São Josemaria Escrivá pronunciou no dia 22 de novembro de 1970, festa de Cristo

Rei, e posteriormente publicada em “É Cristo que passa”.

## Homilia completa:

Termina o ano litúrgico, e no Santo Sacrifício do Altar renovamos ao Pai o oferecimento da Vítima, Cristo, Rei de santidade e de graça, Rei de justiça, de amor e de paz, como dentro de pouco leremos no Prefácio. Todos sentimos na alma uma imensa alegria ao considerarmos a santa Humanidade de Nosso Senhor: um rei com coração de carne, como o nosso; que é o autor do universo e de cada uma das criaturas, e que não se impõe com atitudes de domínio, mas mendiga um pouco de amor, mostrando-nos em silêncio as suas mãos chagadas.

Como é possível, então, que tantos o ignorem? Por que se ouve ainda esse protesto cruel: Nolumus hunc regnare super nos , não queremos que Ele reine sobre nós? Há na terra

milhões de homens que se defrontam assim com Jesus Cristo, ou melhor, com a sombra de Jesus Cristo, porque, na realidade, o verdadeiro Cristo, não o conhecem, nem viram a beleza do seu rosto, nem perceberam a maravilha da sua doutrina.

Diante desse triste espetáculo, sinto-me inclinado a desagravar o Senhor. Ao escutar esse clamor que não cessa, e que se compõe não tanto de palavras como de obras pouco nobres, experimento a necessidade de gritar bem alto: Oportet illum regnare! , convém que Ele reine.

Muitos não suportam que Cristo reine. Opõem-se a Ele de mil formas: nas estruturas gerais do mundo e da convivência humana; nos costumes, na ciência, na arte. Até mesmo na própria vida da Igreja! Eu não falo - escreve Santo Agostinho - dos malvados que blasfemam contra Cristo. São raros, com efeito, os que

blasfemam com a língua, mas são muitos os que blasfemam com a conduta.

Alguns incomodam-se até mesmo com a expressão Cristo-Rei: por uma superficial questão de palavras, como se o reinado de Cristo pudesse confundir-se com fórmulas políticas; ou porque a confissão da realeza do Senhor os levaria a admitir uma lei. E não toleram a lei, nem mesmo a do entranhável preceito da caridade, porque não querem aproximar-se do amor de Deus: são os que ambicionam servir apenas o seu próprio egoísmo.

O Senhor impeliu-me a repetir, desde há muito tempo, um grito silencioso: Serviam!, servirei. Que Ele nos aumente as ânsias de entrega, de fidelidade à sua chamada divina - com naturalidade, sem ostentação, sem ruído -, no meio da rua.  
Agradeçamos-Lhe do fundo do

coração. Elevemos uma oração de súditos, de filhos!, e a nossa língua e o nosso paladar experimentarão o gosto do leite e do mel, e nos saberá a favo cuidar do reino de Deus, que é um reino de liberdade, da liberdade que Ele nos conquistou.

Gostaria que considerássemos como esse Cristo - terna criança -, que vimos nascer em Belém, é o Senhor do mundo: pois por Ele foram criados todos os seres nos céus e na terra; Ele reconciliou todas as coisas com o Pai, restabelecendo a paz entre o céu e a terra, por meio do sangue que derramou na Cruz. Hoje Cristo reina à direita do Pai, como declararam os dois anjos de vestes brancas aos discípulos atônitos que contemplavam as nuvens, depois da Ascensão do Senhor: Homens da Galiléia, por que estais aí olhando para o céu? Esse Jesus que vos foi arrebatado ao céu, virá do mesmo

modo como acabais de vê-lo subir ao céu.

Por Ele reinam os reis , com a diferença de que os reis, as autoridades humanas, passam; e o reino de Cristo permanecerá por toda a eternidade, seu reino é um reino eterno e seu domínio perdura de geração em geração.

O reino de Cristo não é um modo de falar nem uma figura de retórica. Cristo vive também na sua condição de homem, com aquele mesmo corpo que assumiu na Encarnação, que ressuscitou depois da Cruz e que subsiste glorificado na Pessoa do Verbo, juntamente com a sua alma humana. Cristo, Deus e homem verdadeiro, vive e reina, e é o Senhor do mundo. Só por Ele se conserva com vida tudo o que vive.

Mas, então, por que não se apresenta agora em toda a sua glória? Porque o seu reino não é deste mundo ,

embora esteja no mundo. Replicou Jesus a Pilatos: Eu sou rei. Para isso nasci: para dar testemunho da verdade. Todo aquele que pertence à verdade escuta a minha voz. Os que esperavam do Messias um poderio temporal, visível, enganavam-se, porque o reino de Deus não consiste no comer e no beber, mas na justiça, paz e gozo no Espírito Santo.

Verdade e justiça; paz e gozo no Espírito Santo. Esse é o reinado de Cristo: a ação divina que salva os homens e que culminará quando a História terminar e o Senhor, que se senta no mais alto do Paraíso, vier julgar definitivamente os homens.

Quando Cristo inicia a sua pregação na terra, não oferece um programa político, mas diz simplesmente: Fazei penitência, porque o reino dos céus está próximo. Encarrega os discípulos de anunciarão essa boa nova , e ensina a pedir na oração o

advento do reino. Eis o reino de Deus e a sua justiça: uma vida santa; isso é o que temos que procurar em primeiro lugar , a única coisa verdadeiramente necessária.

A salvação pregada por Nosso Senhor Jesus Cristo é um convite dirigido a todos: O reino dos céus é semelhante a um rei que celebrou as núpcias de seu filho e enviou os criados a chamar os convidados para as bodas. Por isso, o Senhor revela que o reino dos céus está no meio de vós.

Ninguém é excluído da salvação, se livremente abre as portas às amorosas exigências de Cristo: nascer de novo , tornar-se semelhante às crianças, com simplicidade de espírito , afastar o coração de tudo o que afasta de Deus. Jesus quer fatos, não apenas palavras , e um esforço denodado, porque somente os que lutarem

serão merecedores da herança eterna.

A perfeição do reino - o juízo definitivo de salvação ou de condenação - não se dará na terra. O reino agora é como uma semente , como o grão de mostarda em crescimento ; seu fim será como a pesca com rede de arrastão, da qual - uma vez trazida para terra - serão retirados para diferentes destinos os que praticaram a justiça e os que cometem a iniqüidade. Mas, enquanto aqui vivemos, o reino assemelha-se ao fermento que uma mulher tomou e misturou com três medidas de farinha, até que toda a massa ficou fermentada.

Quem comprehende o reino que Cristo propõe, percebe que vale a pena arriscar tudo para consegui-lo: é a pérola que o mercador adquire à custa de vender tudo o que possui, é o tesouro achado no campo. O reino

dos céus é uma conquista difícil, e  
ninguém tem a certeza de alcançá-  
lo ; mas o clamor humilde do homem  
arrependido consegue que as suas  
portas se abram de par em par. Um  
dos ladrões que foram crucificados  
com Jesus suplica-lhe: Senhor,  
lembra-te de mim quando entrees  
no teu reino. E Jesus respondeu-lhe:  
em verdade te digo: hoje estarás  
comigo no Paraíso.

Como és grande, Senhor nosso Deus!  
Tu és quem dá à nossa vida sentido  
sobrenatural e eficácia divina. Tu és  
a causa de que, por amor de teu  
Filho, possamos repetir com todas as  
forças do nosso ser, com a alma e  
com o corpo: Convém que Ele reine!,  
enquanto ressoa a canção da nossa  
fraqueza, pois sabes que somos  
criaturas - e que criaturas! - feitas de  
barro, não apenas nos pés , mas  
também no coração e na cabeça. De  
forma divina, vibraremos  
exclusivamente por Ti.

Cristo deve reinar, acima de tudo, na nossa alma. Mas que resposta lhe dariámos se nos perguntasse: como me deixas reinar em ti? Eu lhe responderia que, para que Ele reine em mim, necessito da sua graça abundantemente: só assim é que o último latejo do coração, o último alento, o olhar menos intenso, a palavra mais intranscendente, a sensação mais elementar se traduzirão num hosanna ao meu Cristo Rei.

Se pretendemos que Cristo reine, temos que ser coerentes, começando por entregar-lhe o nosso coração. Se não o fizermos, falar do reinado de Cristo será palavreado sem substância cristã, manifestação externa de uma fé inexistente, manejo fraudulento do nome de Deus para barganhas humanas.

Se a condição para que Jesus reine em minha alma, na tua alma, fosse

contar previamente com um lugar perfeito dentro de nós, teríamos motivos para desesperar. Mas não temas, filha de Sião: eis que o teu Rei vem montado sobre um jumentinho. Vemos? Jesus contenta-se com um pobre animal por trono. Não sei o que se passa convosco; quanto a mim, não me humilha reconhecer-me aos olhos do Senhor como um jumento: Sou como um burrinho diante de Ti; mas estarei sempre a teu lado, porque me tomaste pela tua mão direita , Tu me conduzes pelo cabresto.

Pensem nas características do jumento, agora que vão ficando tão poucos. Não no burro velho e teimoso, rancoroso, que se vinga com um coice traiçoeiro, mas no burrinho jovem, de orelhas esticadas como antenas, austero na comida, duro no trabalho, de trote decidido e alegre.

Há centenas de animais mais belos, mais hábeis e mais cruéis. Mas Cristo escolheu esse para se apresentar como rei diante do povo que o aclamava. Porque Jesus não sabe o que fazer com a astúcia calculista, com a crueldade dos corações frios, com a formosura vistosa mas oca. Nosso Senhor ama a alegria de um coração jovem, o passo simples, a voz sem falsete, os olhos limpos, o ouvido atento à sua palavra de carinho. É assim que reina na alma.

Se deixarmos que Cristo reine na nossa alma, não nos converteremos em dominadores; seremos servidores de todos os homens.

Serviço. Como gosto dessa palavra! Servir ao meu Rei e, por Ele, a todos os que foram redimidos pelo seu sangue. Se nós, cristãos, soubéssemos servir! Confiemos ao Senhor a nossa decisão de aprender a realizar essa tarefa de serviço, porque só sentindo

poderemos conhecer e amar Cristo, dá-lo a conhecer e conseguir que outros mais o amem.

Como havemos de mostrá-lo às almas? Com o exemplo: que sejamos suas testemunhas em todas as nossas atividades, mediante a nossa voluntária servidão a Jesus Cristo, porque Ele é o Senhor de todas as realidades da nossa vida, porque é a única e a última razão da nossa existência. Depois, quando tivermos prestado esse testemunho do exemplo, seremos capazes de instruir com a palavra, com a doutrina. Cristo agiu assim: Coepit facere et docere , primeiro ensinou com obras, e depois com a sua pregação divina.

Servir os outros, por Cristo, exige que sejamos muito humanos. Se a nossa vida for desumana, Deus nada edificará sobre ela, pois normalmente não constrói sobre a desordem, sobre o egoísmo, sobre a

prepotência. Temos que compreender a todos, temos que conviver com todos, temos que desculpar a todos, temos que perdoar a todos. Não diremos que o injusto é justo, que a ofensa a Deus não é ofensa a Deus, que o mau é bom. No entanto, perante o mal, não responderemos com outro mal, mas com a doutrina clara e com a ação boa: afogando o mal em abundância de bem. Assim Cristo reinará na nossa alma e nas almas dos que nos rodeiam.

Alguns tentam construir a paz no mundo sem semear amor de Deus em seus corações, sem servir por amor de Deus as criaturas. Assim, como será possível realizar uma missão de paz? A paz de Cristo é a paz do reino de Cristo; e o reino de Nosso Senhor deve cimentar-se no desejo de santidade, na disposição humilde de receber a graça, numa

esforçada ação de justiça, num derramamento divino de amor.

Não é um sonho irrealizável ou inútil. Se nós, os homens, nos decidíssemos a albergar o amor de Deus em nossos corações! Cristo, Senhor Nosso, foi crucificado e, do alto da Cruz, redimiu o mundo, restabelecendo a paz entre Deus e os homens. Jesus Cristo recorda a todos: Et ego, si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum , se vós me colocardes no cume de todas as atividades da terra, cumprindo o dever de cada instante, dando testemunho de mim no que parece grande e no que parece pequeno, omnia traham ad meipsum, tudo atrairei a mim. Meu reino entre vós será uma realidade.

Cristo, Nossa Senhora, continua empenhado nesta semeadura de salvação dos homens e de toda a criação, deste nosso mundo, que é

bom porque saiu bom das mãos de Deus. Foi a ofensa de Adão, o pecado da soberba humana, que rompeu a divina harmonia da Criação.

Mas Deus Pai, quando chegou a plenitude dos tempos, enviou seu Filho Unigênito, que, por obra do Espírito Santo, tomou carne em Maria sempre Virgem para restabelecer a paz, para que, redimindo o homem do pecado, adoptionem filiorum reciperemus , fôssemos constituídos filhos de Deus, capazes de participar da intimidade divina; para que assim fosse concedido a este homem novo, a esta nova estirpe dos filhos de Deus , o poder de libertar todo o universo da desordem, restaurando em Cristo todas as coisas , que por Ele foram reconciliadas com Deus.

Foi para isso que nós, os cristãos, fomos chamados, essa é a nossa tarefa apostólica e a preocupação

que deve consumir a nossa alma: conseguir que o reino de Cristo se torne realidade, que não haja mais ódios nem crueldades, que estendamos pela terra o bálsamo forte e pacífico do amor. Peçamos hoje ao nosso Rei que nos faça colaborar humilde e fervorosamente com o propósito divino de unir o que se quebrou, de salvar o que está perdido, de ordenar o que o homem desordenou, de levar a seu termo o que se extraviou, de reconstruir a concórdia entre todas as coisas criadas.

Abraçar a fé cristã é comprometer-se a continuar entre as criaturas a missão de Jesus. Cada um de nós tem que ser alter Christus, ipse Christus, outro Cristo, o próprio Cristo. Só assim poderemos empreender essa tarefa grande, imensa, interminável: santificar por dentro todas as estruturas temporais, levando até elas o fermento da Redenção.

Nunca falo de política. Não encaro a tarefa dos cristãos na terra como se tivesse por fim fazer brotar uma corrente político-religiosa - seria uma loucura -, nem mesmo com o bom propósito de infundir o espírito de Cristo em todas as atividades dos homens. O que é preciso situar em Deus é o coração de cada um, seja ele quem for. Procuremos falar a cada cristão, para que lá onde estiver - nas circunstâncias que não dependem apenas da sua posição na Igreja ou na vida civil, mas também do resultado das mutáveis situações históricas -, saiba dar testemunho da fé que professa, com o exemplo e com a palavra.

Por ser homem, o cristão vive no mundo com pleno direito. Se aceitar que Cristo habite em seu coração, que Cristo reine, a eficácia salvadora do Senhor estará intensamente presente em todas as suas ocupações humanas. E não interessa que sejam

ocupações altas ou baixas, como se costuma dizer, pois um ápice humano pode ser aos olhos de Deus uma baixeza; e o que chamamos baixo ou modesto pode ser um ápice cristão, de santidade e de serviço.

Quando trabalha, como é de sua obrigação, o cristão não deve iludir nem esquivar-se às exigências próprias da natureza das coisas. Se pela expressão abençoar as atividades humanas, se entendesse anular ou escamotear a sua dinâmica própria, negar-me-ia a usar essas palavras. Pessoalmente, nunca me convenci de que as ocupações habituais dos homens devessem ostentar um qualificativo confessional, à moda de um letreiro postiço. Embora respeite a opinião contrária, parece-me que se correria o perigo de usar em vão o santo nome da nossa fé, e de utilizar, além disso, a etiqueta católica - como já se tem visto em certas ocasiões - para

justificar atitudes e operações que, às vezes, nem sequer são honradamente humanas.

Se, à exceção do pecado, o mundo e tudo o que nele se contém é bom, por ser obra de Deus Nosso Senhor, o cristão, lutando continuamente por evitar as ofensas a Deus - uma luta positiva de amor -, deve dedicar-se a todas as realidades terrenas, ombro a ombro com os outros cidadãos; e defender todos os bens derivados da dignidade da pessoa.

E existe um bem que, de forma especial, deverá promover sempre: o da liberdade pessoal. Só se defender a liberdade individual dos outros, com a correspondente responsabilidade pessoal, poderá defender igualmente a sua própria, com honradez humana e cristã. Repito e repetirei sem cessar que o Senhor nos concedeu gratuitamente um grande dom sobrenatural, que é

a graça divina; e outra maravilhosa dádiva humana, a liberdade pessoal, que - para não se corromper, convertendo-se em libertinagem - exige de nós integridade, empenho eficaz em desenvolver a conduta dentro da lei divina, pois onde se encontra o Espírito de Deus, lá se encontra a liberdade.

O Reino de Cristo é reino de liberdade: não existem nele outros servos além dos que livremente se deixam aprisionar, por amor a Deus. Bendita escravidão de amor, que nos torna livres! Sem liberdade, não podemos corresponder à graça; sem liberdade, não nos podemos entregar livremente ao Senhor, pelo motivo mais sobrenatural de todos: porque nos apetece.

Alguns dos que me escutam já me conhecem há muitos anos. Podem testemunhar que tenho passado toda a minha vida pregando a liberdade

pessoal, com igual responsabilidade pessoal. Procurei-a e procuro-a por toda a terra, como Diógenes procurava um homem. E cada dia que passa amo-a mais, amo-a sobre todas as coisas da terra: é um tesouro que nunca saberemos apreciar suficientemente.

Quando falo de liberdade pessoal, não me valho disso como desculpa para abordar outros problemas, talvez muito legítimos, mas que não dizem respeito ao meu ofício de sacerdote. Sei que não me compete tratar de temas seculares e transitórios, que pertencem à esfera temporal e civil, e são matérias que o Senhor deixou à livre e serena controvérsia dos homens. Sei também que os lábios do sacerdote, evitando por completo parcialidades humanas, somente devem abrir-se para conduzir as almas a Deus, à sua doutrina espiritual salvadora, aos sacramentos que Jesus Cristo

instituiu, à vida interior que nos aproxima do Senhor, dando-nos a consciência de sermos seus filhos e, portanto, irmãos de todos os homens sem exceção.

Celebramos hoje a festa de Cristo-Rei. E não me afasto do meu ofício de sacerdote quando digo que, se alguém entendesse o reino de Cristo em termos de programa político, não teria aprofundado no fim sobrenatural da fé e estaria a um passo de oprimir as consciências com cargas que não são de Jesus, pois seu jugo é suave e sua carga leve.  
Amemos de verdade todos os homens; acima de tudo, amemos Cristo; e, então, não teremos outro remédio senão amar a legítima liberdade dos demais homens, numa convivência pacífica e sensata.

Talvez me digam que são poucos os que querem ouvir estas coisas e menos ainda os que desejam pô-las

em prática. Consta-me que a liberdade é uma planta forte e sã, que se aclimata mal entre as pedras e os espinhos, ou nos caminhos calcados pelos homens. Já o sabíamos antes de Cristo ter vindo à terra.

Lembremo-nos do Salmo II: Por que se amotinaram as nações, e os povos traçaram planos vãos? Sublevaram-se os reis da terra e os príncipes coligaram-se contra o Senhor e contra o seu Cristo. Como vemos, nada de novo. Opunham-se a Cristo antes de Ele ter nascido; a Ele se opuseram enquanto seus pés pacíficos percorriam os caminhos da Palestina; perseguiram-no depois e agora, atacando os membros do seu Corpo místico e real. Por quê tanto ódio, por quê este encarniçar-se contra a cândida simplicidade, por quê este universal esmagamento da liberdade de cada consciência?

Quebremos as suas cadeias e sacudamos de nós o seu jugo. Quebram o jugo suave, sacodem das costas a sua carga, maravilhosa carga de santidade e justiça, de graça, de amor e paz. Enfurecem-se diante do amor, riem-se da bondade inerme de um Deus que renuncia ao uso das suas legiões de anjos para se defender. Se o Senhor admitisse a barganha, se sacrificasse um punhado de inocentes para satisfazer uma maioria de culpados, ainda poderiam tentar um entendimento com Ele. Mas não é essa a lógica de Deus. Nosso Pai é verdadeiramente pai, e está disposto a perdoar milhares de autores do mal, se houver somente dez justos. As pessoas dominadas pelo ódio não podem entender esta misericórdia, e afincam-se na sua aparente impunidade terrena, alimentando-se da injustiça.

Aquele que habita nos céus, ri-se, e o Senhor zomba deles. Ele lhes fala então na sua ira, e no seu furor os aterroriza. Como é legítima a ira de Deus, como é justo o seu furor, e como é grande também a sua clemênciam!

Eu, porém, fui constituído por Ele Rei sobre Sião, seu monte santo, para promulgar a sua Lei. Disse-me o Senhor: Tu és meu filho, eu te gerei hoje. A misericórdia de Deus Pai deu-nos por Rei o seu Filho. Quando ameaça, ao mesmo tempo se enternece: anuncia-nos a sua ira e entrega-nos o seu amor. Tu és meu filho: dirige-te a Cristo e dirige-te a ti e a mim, se estamos decididos a ser alter Christus, ipse Christus, outro Cristo, o próprio Cristo.

As palavras não conseguem acompanhar o coração, que se emociona perante a bondade de Deus. Diz-nos: Tu és meu filho. Não

um estranho, não um servo  
benevolamente tratado, não um  
amigo, que já seria muito. Filho!  
Concede-nos livre trânsito para  
vivermos com Ele a piedade de filhos  
e também - atrevo-me a afirmar - a  
desvergonha de filhos de um Pai que  
é incapaz de lhes negar seja o que  
for.

Há muita gente empenhada em  
comportar-se injustamente? Sim,  
mas o Senhor insiste: Pede-me, e eu  
te darei as nações por herança, e em  
teu domínio as extremidades da  
terra. Tu as governarás com vara de  
ferro, e qual vaso de oleiro as  
quebrarás. São promessas fortes, e  
são de Deus: não podemos disfarçá-  
las. Não em vão Cristo é o Redentor  
do mundo; Ele reina, soberano, à  
direita do Pai. É o terrível anúncio do  
que nos espera a cada um - quando a  
vida passar, porque passa - e a todos -  
quando a História acabar -, se o

coração se endurecer no mal e na falta de esperança.

No entanto, Deus, que pode vencer sempre, prefere convencer. E agora, ó reis, atendei; instruí-vos, vós que governais a terra. Servi o Senhor com temor, e louvai-o com tremor. Abraçai a boa doutrina, não seja que no fim o Senhor se aborreça e pereçais fora do bom caminho, quando daqui a pouco se inflamar a sua ira. Cristo é o Senhor e o Rei. Nós vos anunciamos que Deus cumpriu a promessa feita a nossos pais; cumpriu-a diante de nossos filhos ressuscitando Jesus, como também está escrito no salmo segundo: Tu és meu Filho, eu te gerei hoje...

Agora, pois, meus irmãos, sabei que por Ele vos é anunciada a remissão dos pecados e de todas as manchas de que não pudestes ser justificados pela lei de Moisés: por Ele é justificado todo aquele que crê.

Tomai, pois, cuidado, para que não recaia sobre vós o que foi dito pelos profetas: Vede, ó desprezadores, admirai-vos e desaparecei, que eu faço uma obra nos vossos dias, uma obra em que não acabareis de acreditar, por mais que vo-la contem.

É a obra da salvação, o reinado de Cristo nas almas, a manifestação da misericórdia de Deus. Bem-aventurados todos os que a Ele se acolhem!. Nós, os cristãos, temos o direito de enaltecer a realeza de Cristo, porque - embora a injustiça seja abundante, embora muitos não desejem este reinado de amor - na própria história da humanidade, que é o cenário do mal, se vai tecendo a obra da salvação eterna.

Ego cogito cogitationes pacis et non afflictionis. Eu penso pensamentos de paz, e não de tristeza, diz o Senhor. Sejamos homens de paz, homens de justiça, praticantes do

bem, e o Senhor não será para nós Juiz, mas amigo, irmão, Amor.

Que os anjos de Deus nos acompanhem neste caminhar - alegre! - pela terra. Antes do nascimento do nosso Redentor, escreve São Gregório Magno, nós tínhamos perdido a amizade dos anjos. A culpa original e os nossos pecados cotidianos tinham-nos afastado da sua pureza... Mas desde o momento em que nós reconhecemos o nosso Rei, os anjos nos reconheceram como seus concidadãos.

E como o Rei dos céus quis assumir a nossa carne terrena, os anjos já não se afastam da nossa miséria. Não se atrevem a considerar inferior à sua esta natureza que eles adoram, vendo-a exaltada, acima deles, na pessoa do Rei do céu; e já não têm inconveniente em considerar o homem como seu companheiro.

Maria, a Mãe santa do nosso Rei, a Rainha do nosso coração, cuida de nós como só Ela o sabe fazer. Mãe compassiva, trono da graça: nós te pedimos que saibamos compor na nossa vida e na vida dos que nos rodeiam, verso a verso, o poema singelo da caridade, quasi flumen pacis , como um rio de paz. Pois tu és um mar de inesgotável misericórdia: Os rios vão dar todos ao mar, e o mar não transborda.

---

pdf | Documento gerado  
automaticamente de [https://  
opusdei.org/pt-br/article/cristo-rei-homilia-de-s-josemaria-em-audio/](https://opusdei.org/pt-br/article/cristo-rei-homilia-de-s-josemaria-em-audio/)  
(24/01/2026)